

MODOS DE MORRER EM UTI PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO TERCIÁRIO AO LONGO DE DEZ ANOS

Thielle Maria Vaske, Michele Finkler, Paulo Roberto Antonacci Carvalho, Luiz Fernando Longhi Cervantes, Veridiana dos Santos Chaves, Eliana de Andrade Trotta

Introdução: A medicina intensiva visa proporcionar terapêutica para os pacientes com iminente risco de morte e portadores de doenças potencialmente reversíveis, embora o crescente aprimoramento no cuidado possa prolongar o tempo do processo de morrer em pacientes com pouca ou nenhuma esperança de vida. Conhecer a frequência dos diferentes modos de morrer pode ajudar a definir limites terapêuticos em pacientes criticamente doentes. **Objetivo:** Determinar a prevalência dos diferentes modos de morrer em pacientes de unidade de terapia intensiva pediátrica (UTIP). **Pacientes e Métodos:** Estudo transversal, observacional, retrospectivo, considerando a base de dados e prontuários dos pacientes admitidos na UTIP-HCPA. Foi pesquisada a variável modo de morrer no grupo de pacientes falecidos na UTIP durante o período de 1º de janeiro de 2002 a 31 de dezembro de 2011, onde se adotou as categorias Morte cerebral, Não-resposta à Ressuscitação cardiorrespiratória (NRRC) e Ausência de medidas de ressuscitação cardiorrespiratória (AMRC). **Resultados:** Entre as 4951 admissões, que resultaram em 467 óbitos durante o período (9,4%), 2/3 dos pacientes (65,3%) foi classificado em NRRC, 19,4% em AMRC e 15,2% em morte encefálica, com oscilações entre os anos avaliados. O tempo médio de UTI dos pacientes que faleceram foi de 9,9 dias e a idade média foi de 5 anos. 70% dos pacientes apresentava doenças crônicas, sendo 26% destes oncológicos, 12,6% hepatopatas e 9% portadores de síndromes genéticas. **Conclusão:** Observou-se uma importante prevalência do modo de morrer AMRC, sugerindo condutas de limitação terapêutica nos pacientes criticamente doentes.